



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante Seminário Empresarial “Brasil-Israel: Livre Comércio e Oportunidades de Negócios”**

**Jerusalém-Israel, 15 de março de 2009**

Meu caro amigo presidente do Estado de Israel, Shimon Peres,  
Senhor Fouad Bem-Eliezer, ministro do Comércio e Indústria de Israel,  
por meio de quem cumprimento os demais representantes do governo de Israel,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,  
Ministro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,  
Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria-Geral [de Comunicação Social] da Presidência da República,

Meu companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia, que me acompanha nesta viagem,

Meu caro Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo,

Senhoras e senhores empresários de Israel e empresários do Brasil,  
Amigos e amigas,

Primeiro, quero saudar a organização deste importante evento, reunindo destacados empresários israelenses e brasileiros. Nosso diálogo é indispensável se quisermos unir forças e talentos na corrida da globalização.

Minha primeira visita a Israel como presidente ocorre em um momento especialmente auspicioso. Estamos colhendo os resultados do amplo potencial das relações comerciais e de investimentos entre Israel e Brasil.



Nosso intercâmbio foi de quase US\$ 1 bilhão em 2009. É um comércio diversificado, com todas as condições de expandir-se de forma equilibrada e sustentável.

Nossas cadeias produtivas apresentam alto grau de complementaridade, abrindo espaço para ampliar parcerias em setores importantes. Só precisamos aproveitar as sinergias, especialmente de nossas pequenas e médias empresas.

Não faltam exemplos de sucesso. A Elbit System fornece sistemas eletrônicos para a Embraer equipar os aviões Super-Tucanos. É modelo do que podemos realizar, se quisermos liderar a revolução tecnológica do século XXI.

Com apenas 7 milhões de habitantes, Israel tem 4 mil empresas de tecnologia e o maior índice *per capita* do mundo de engenheiros. É o sócio ideal para desenvolver parcerias em tecnologias de ponta como semicondutores, telecomunicações, nanotecnologia e fármacos.

Vejo, portanto, com grande otimismo o lançamento, pelo governo de Israel, do Programa Shavit. Ele replicará no Brasil o modelo de planejamento e espírito empreendedor que cria celeiros de inovação e atrai investimentos em larga escala para Israel.

O setor privado brasileiro também vem ganhando espaço em Israel. Marcas brasileiras como H. Stern alcançam grande sucesso há vários anos em Israel.

Amigas e amigos empresários,

A crise internacional quebrou muitos paradigmas e rompeu certezas, mas não afetou nossa confiança. Continuamos a investir na força de nossas economias e na ampliação de nossas trocas.

No Brasil, apostamos no mercado interno e orientamos o sistema bancário – que está entre os mais sólidos do mundo – a ter iniciativas capazes de compensar as fortes restrições de crédito internacional. Por isso, o Brasil foi das últimas economias a desacelerar e das primeiras a recuperar-se.



O Brasil, certamente, crescerá mais de 5% em 2010, graças a um programa econômico que associa o crescimento, inclusão social, estabilidade macroeconômica e redução da vulnerabilidade externa. Tudo isso com o fortalecimento da democracia.

Temos um parque produtivo que avança graças à diminuição da pobreza e à distribuição de renda. Com o aumento do poder de compra da população, garantimos a expansão sustentável do mercado interno. Neste ano, vamos criar mais de 2 milhões de empregos. Certamente, o maior número de nossa história.

Chegou, portanto, o momento de voltar a investir. As oportunidades são muitas: as obras do Plano de Aceleração do Crescimento, os preparativos para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, as Olimpíadas de 2016, o trem de alta velocidade entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas e, sobretudo, a exploração do petróleo na camada pré-sal.

Para que os agentes privados voltem a recuperar a confiança no mercado é preciso regras claras, estabilidade e a certeza de que não vivemos num mundo onde os mais fortes podem tudo. No Brasil, encontrarão tudo isso. O Estado brasileiro não abdicou de suas funções de regulação e não abandona os pequenos e médios empresários.

Com o lançamento nas próximas semanas do PAC, ou seja, do Programa de Aceleração do Crescimento nº 2, está garantida a continuidade dos investimentos e a criação de renda e de empregos.

Sei que o empresariado israelense compartilha desse entusiasmo. Prova disso foi o anúncio, durante a visita do presidente Shimon Peres ao Brasil, em novembro último, de novos investimentos israelenses no Brasil, da ordem de US\$ 1 bilhão.

Outro sinal favorável foi o lançamento da rota aérea São Paulo-Tel Aviv, com três voos semanais e ocupação, já, acima de 80%.



A reabertura do Consulado-Geral de Israel, em São Paulo, é mais uma indicação de que Israel quer explorar as potencialidades da parceria com o Brasil.

Senhor Presidente,

Sabemos da importância de uma matriz diversificada para garantir o crescimento sustentado. Nossos países não dependem de nenhum mercado ou produto de exportação, o que nos protege contra o impacto maior da retração econômica global.

Nosso Acordo de Livre Comércio – disse o Paulo Skaf muito bem – devemos aqui agradecer ao trabalho, tanto do ministro Miguel Jorge, quanto do Ministério das Relações Exteriores, com o apoio dos empresários brasileiros, porque Israel é o primeiro país, não das Américas, a fazer um acordo com o Mercosul. E eu espero que isso seja motivo para que outros países façam acordo com o Mercosul.

Estou certo de que a delegação empresarial que acompanhou o presidente Peres ao Brasil no ano passado deixou o Brasil com a convicção de que as possibilidades de negócio são muito amplas. Queremos fazer avançar novos projetos conjuntos que gerem crescimento e bem-estar para as nossas sociedades.

Senhor Presidente,

Sonho com o dia em que o Oriente Médio estará em paz. Poderá então realizar o extraordinário potencial de prosperidade de povos que são o berço da nossa civilização e que tanto contribuíram para a construção do Brasil.

Os senhores empresários são a ponta de lança desse sonho, ajudando a provar que o bem-estar e a esperança só são duradouros quando todos participam e ganham.

Meus amigos, minhas amigas, meu caro presidente Shimon Peres, empresários brasileiros aqui presentes, empresários de Israel,



Eu vou burlar o meu próprio protocolo aqui e vou dizer meia dúzia de palavras que não estão escritas no meu documento.

Primeiro, contar ao presidente Shimon Peres que eu acho que o vírus da paz está comigo, acho que quando eu ainda estava no útero da minha mãe, porque eu não me lembro, na vida, o dia em que eu briguei com alguém. Eu já fiz muita disputa política, pertenço a um partido muito complicado, temos divergências políticas de causar inveja a qualquer pessoa no mundo. Mas eu penso que isso me permitiu acreditar que, se através do diálogo nós não conseguimos fazer a coisa, muito mais difícil será fazê-la através de outras formas.

No dia 10 de dezembro de 2003 eu já estava eleito – de 2002 – eu já estava eleito presidente da República, e fui convidado pelo presidente Bush para ir aos Estados Unidos. Quando eu cheguei aos Estados Unidos, o Bush estava envolvido com a guerra ao Iraque. A guerra não tinha começado ainda, mas ele estava obsessivo e falava tanto naquela guerra, que a impressão que me dava é que já estava em guerra. E, depois de quase 40 minutos em que o presidente Bush me convencia da necessidade de combater o terrorismo, atacando o Iraque, eu disse ao presidente Bush: Presidente Bush, o Iraque não é um problema do Brasil. Eu tenho uma outra guerra para fazer no meu país, que é combater a miséria e a fome de 50 milhões de brasileiros que vivem [abaixo] da linha da pobreza.

E eu pensei que a partir dessa declaração eu ia ter animosidade na minha relação com o presidente Bush, porque para um presidente latino-americano exercer o mandato sem falar mal dos Estados Unidos é quase impossível. Como eu, a vida inteira, fui sindicalista e, portanto, um homem de um partido de esquerda, eu imaginava que eu ia brigar muito com os Estados Unidos. Eis que o presidente Bush terminou o mandato e eu vou terminar o meu mandato sem que tenhamos feito nenhuma briga ou nenhuma divergência



entre o Brasil e os Estados Unidos. E quando a tivemos, resolvemos por telefone.

Eu estou contando isso aos empresários israelenses para dizer que quando se governa um país do tamanho do Brasil, com a quantidade de problemas que tem o Brasil e com a quantidade de necessidades de coisas novas que tem o Brasil, eu pus na cabeça que eu não teria tempo de ficar discutindo aquilo que era secundário, aquilo que não era prioritário. Eu não tinha tempo de ficar falando mal de ninguém, eu não tinha tempo de ficar criticando a minha oposição, eu não tinha tempo de ficar brigando com outros países, porque em um mandato de quatro anos eu tinha que dedicar cada minuto e cada hora, para tentar resolver os problemas crônicos que nós tínhamos no Brasil.

Hoje... E não faltaram motivos, Presidente, não faltaram motivos, quando nós contribuímos politicamente para a eleição do companheiro Evo Morales, na Bolívia. Eis que o primeiro discurso do Evo Morales foi tomar a Petrobras, que estava... E como nós entendíamos que o gás era um direito da Bolívia, era um patrimônio do povo boliviano, nós entendíamos que era normal que o gás fosse da Bolívia. E fizemos acordo com a Bolívia e cedemos naquilo que entendíamos que tínhamos que ceder para o povo boliviano se sentir dono do seu gás. No Brasil havia gente que queria que o Brasil fosse duro com a Bolívia, havia gente que queria que o Brasil falasse grosso com a Bolívia. E, possivelmente, por causa da minha origem, eu não conseguia perceber como é que um metalúrgico de São Paulo iria brigar com um índio boliviano. Não, não, não tinha! Seria uma briga que não ficaria bem. Dialogamos e hoje nós estamos em uma relação excepcional. E o índio está provando que é capaz de governar a Bolívia, fazendo o bem para a maioria do seu povo.

Eu sempre comparei a vitória do Evo Morales, na Bolívia, com o Mandela, na África. Sempre comparei. Um dia, os negros descobriram que eram maioria e começaram a votar no negro. Os índios descobriram que eram



maioria e começaram a votar no índio. É a coisa mais normal, que alguns querem ver como anormalidade! A anormalidade era um presidente louro, de olhos azuis, que quase nem falava espanhol, governando a Bolívia, essa era a anormalidade. Mas um índio era normal.

Depois, Presidente, foi eleito um bispo da Igreja Católica no Paraguai. Foi eleito um bispo e, também, houve tensões com o Brasil. Nós tivemos toda a paciência, toda a capacidade de diálogo possível para construirmos uma relação pacífica entre nós. Hoje, hoje, nós estamos em uma relação extraordinária. Fizemos isso porque a nós, brasileiros, não interessa sermos grandes e ricos, se estivermos cercados de países menores, com pessoas muito pobres. Não há nenhum interesse! E não é sensato, do ponto de vista da geopolítica, você estar cercado de gente mais pobre do que você, por todos os lados. O ideal é que todos cresçam juntos.

Eu estou dizendo isso para poder dizer a vocês uma coisa. Certamente, alguns empresários de Israel já conhecem o Brasil, tanto ou mais do que eu. Aqui tem velhos empresários brasileiros – velhos não, experientes empresários brasileiros – como a família Pfeifer, tão conhecida aqui em Israel, como o Ivo Rosset, o Ivoncy lochpe, que está aqui, ou seja, muita gente importante no meu país, que possivelmente chegou ao Brasil com uma mão atrás e outra na frente, chegou para sobreviver. E com a capacidade de discernimento, a capacidade de criação, a capacidade de investimento construíram patrimônios muito importantes no nosso país e ajudaram o Brasil a ser o que o Brasil é hoje.

O Brasil mudou de patamar, Presidente. O Brasil, hoje, não é, não quer ser, e não vai ser mais aquele país sempre tratado como se fosse um país de segunda categoria, um país que não se respeitava, um país sempre dependente de alguma coisa de fora, subjugado a uma dívida externa quase impagável, um país que muitas vezes era humilhado. E, de repente, esse país levantou a cabeça.



Eu fiz muitas provocações aos empresários brasileiros, desafiando os empresários brasileiros a não terem medo de virarem empresários multinacionais, de fazerem as suas empresas crescerem não apenas dentro do Brasil, mas em outros países, em outros continentes. E acho que em abril, Paulo Skaf, eu vou ter a primeira reunião com os empresários brasileiros multinacionais, lá em São Paulo. Não sei se você vai estar na Fiesp ainda, em abril, mas vai ser lá que nós vamos fazer a primeira reunião dos grandes empresários multinacionais.

Da mesma forma que nós levamos um tempo para convencer os empresários brasileiros de que a economia brasileira era segura e sustentável. E isso ficou mais provado aos empresários brasileiros quando veio a crise econômica internacional, em que o crédito desapareceu no mundo e no Brasil, graças a um sistema de bancos públicos, a gente conseguiu fazer a economia brasileira sofrer menos do que a economia dos países ricos. E eu dizia a presidentes importantes do mundo inteiro como é que funcionava o sistema financeiro brasileiro, que era muito mais sólido do que o sistema financeiro europeu e muito mais sólido do que o sistema financeiro americano, porque tinha mais controle do Banco Central. E, também, porque nós acreditamos numa coisa chamada mercado interno brasileiro. É exatamente com o potencial desse mercado interno que eu convido os empresários de Israel a voltarem a viajar pelo Brasil, a procurarem oportunidades no Brasil, porque do ponto de vista das políticas públicas, o governo brasileiro aprendeu a fazer investimentos.

Todos vocês estão acompanhando o nosso Programa de Aceleração do Crescimento, estão acompanhando a quantidade de empregos e de ofertas de serviços que estamos fazendo. E agora, no final deste mês, eu estarei apresentando o Programa de Aceleração do Crescimento nº 2, que é para que a gente assuma compromissos com o País, até os próximos quatro ou cinco anos, lembrando que nós vamos ter as Olimpíadas, lembrando que nós vamos



ter a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Portanto, o que não falta, na verdade, é oportunidades de investimentos e de negócios a serem feitos no Brasil.

Por isso, eu queria agradecer aos empresários brasileiros que vieram aqui. Mas, sobretudo, queria agradecer aos empresários de Israel que estão participando deste evento. E quando forem ao Brasil, não parem apenas em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Nós temos... está aqui o Governador da Bahia a quem, a quem... Eu faço questão de que vocês conheçam o território nacional. É verdade que é um pouco grande, são 8,5 milhões de quilômetros quadrados, mas também são 8,5 milhões de oportunidades que vocês vão encontrar, oportunidades diversas nos mais diferentes setores da nossa economia, sobretudo no âmbito da engenharia, sobretudo no âmbito da engenharia, que eu acho extremamente importante Israel apostar, verificar, constatar e, quem sabe, começar a fazer grandes investimentos nessa área. Porque, não sei se vocês sabem que, no Brasil, houve um tempo em que nós paramos de formar engenheiros porque não tinha investimento na economia, a indústria não crescia, as obras públicas não cresciam... Os poucos engenheiros que as universidades formavam no Brasil iam trabalhar de analistas financeiros, iam trabalhar na área econômica dos bancos. Somente agora é que nós voltamos a fazer fortes investimentos em engenharia. Quando eu vejo aqui que Israel, um país de apenas 7 milhões de habitantes, é o país que forma mais engenheiros no mundo, eu sou obrigado a fazer um desafio às empresas de engenharia de Israel: aproveitem as oportunidades, porque no Brasil elas são muitas.

Um abraço e boa sorte para todos vocês.

(\$211B)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---